



Conflitos e Resistências para a Conquista e  
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste  
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões  
do Fortalecimento das Lideranças  
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral  
Elisa Yoshie Ichikawa  
(Organizadores)



Conflitos e Resistências para a Conquista e  
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste  
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões  
do Fortalecimento das Lideranças  
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral  
Elisa Yoshie Ichikawa  
(Organizadores)

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C748	Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no oeste do Paraná [recurso eletrônico] : os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani / Organizadores Wagner Roberto do Amaral, Elisa Yoshie Ichikawa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-822-9 DOI 10.22533/at.ed.229192711  1. Demarcação de terras – Paraná. 2. Índios da América do Sul – Posse da terra – Paraná. 3. Reservas indígenas. I. Amaral, Wagner Roberto do. II. Ichikawa, Elisa Yoshie.  CDD 980.4114
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

A capa deste livro homenageia o Sr. Claudio Barros e a Sra. Vitória Nunes, importantes lideranças Avá-Guarani pertencentes ao Tekohá Porã, município de Guaíra/PR. O Sr. Claudio faleceu no dia 07 de janeiro de 2019, com 105 anos, sendo uma referência histórica de luta, inspiração e resistência para o povo Avá-Guarani e para todos nós. Claudio Barros, presente!

## **AGRADECIMENTO**

Livro produzido com o apoio financeiro da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais.

Agradecemos a todas as comunidades Avá-Guarani da região Oeste do Paraná que acolheram a nossa equipe de pesquisa e se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos e a compor conosco esta obra. O nosso respeito, admiração e compromisso para com a luta pela conquista do território Guarani na perspectiva de uma terra sem males.

## INTRODUÇÃO

Esse nosso livro é resultado de pesquisas realizadas junto aos *tekoha* Avá-Guarani na região Oeste do Paraná, produzido com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais. Tal edital apresentava como objetivo “promover e fomentar a realização de pesquisas científicas que resultem em livros que deverão focar processos e episódios (revoltas, insurreições, rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros) que, ao longo da história brasileira do período republicano, tenham sido expressão da conflitividade social e significativos para o entendimento da construção do Estado e da sociedade brasileira, com valorização de episódios pouco estudados da história brasileira”.

Esse edital possibilitou a aproximação e a articulação de docentes pesquisadores de três universidades estaduais do Paraná - sendo a Universidade Estadual de Maringá, a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - e da Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” USP/ESALQ. Todos esses docentes já possuíam um vínculo com pesquisas associadas a temáticas sociais nas suas diferentes áreas, seja na Administração ou no Serviço Social. Provocados pelo conteúdo progressista do edital e orientados por suas diferentes trajetórias de pesquisas, nossa equipe de pesquisadores passou a elaborar uma proposta a ser submetida. A forte inspiração da equipe nesse momento de proposição foi a profunda resistência do povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, já conhecida e acompanhada por parte dos pesquisadores.

No Paraná habitam três povos indígenas distintos, sendo o povo Kaingang, o povo Guarani e o povo Xetá, existindo ainda a presença de famílias Xokleng/Laklano nesse território. Cada um desses grupos étnicos e de suas comunidades possuem distintas cosmologias, distintas relações e formas de utilização das línguas indígenas e da língua portuguesa, assim como diferentes formas de organização econômica e política interna, e histórias semelhantes e dessemelhantes na relação com o Estado e com os demais movimentos sociais. No cenário paranaense – considerando que a presença indígena nesse território antecede a constituição administrativa e política do que chamamos de “Paraná” – encontramos históricas expressões de massacres, violências, expropriação dos territórios tradicionais pelo Estado e pelos empreendimentos colonizadores e capitalistas. Outrossim, também é nesse território que encontraremos profundas expressões de lutas e de resistências, seja pelo reconhecimento e demarcação dos territórios indígenas, seja pelos direitos à educação escolar indígena, à saúde indígena, dentre outros.

Foi a partir desse cenário que escolhemos como *locus*, fonte e inspiração

da pesquisa as memórias de lutas e resistências do povo Avá-Guarani que habita historicamente a região Oeste do Paraná. A partir das referências que a equipe de pesquisa já dispunha sobre a realidade desta população naquela região, empreendemos a elaboração da proposta que foi submetida e aprovada junto à Capes. A proposta submetida no mês de outubro de 2015 foi aprovada apenas no mês de novembro de 2016. Foi intitulada como “Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”. Seu alongado título reflete justamente os desafios que se apresentam às comunidades Avá-Guarani daquela região na retomada dos seus territórios tradicionais, bem como em serem humanamente reconhecidos como sujeitos de direitos e como protagonistas e referências vivas de um patrimônio histórico, cultural e linguístico fundamental para as gerações. A escolha de categorias como: “conflitos”, “resistências”, “demarcação”, “lideranças” e “cultura Guarani” refletem ainda a perspectiva política e acadêmica da equipe.

O projeto apresentou como seu principal objetivo investigar as históricas situações de conflito e as expressões de resistência política, cultural, linguística e territorial do povo Guarani na história do território paranaense, fundamentalmente, na região da fronteira Oeste deste estado, evidenciando a emergência e os percursos das lideranças desse grupo étnico diante das violências praticadas pelo Estado brasileiro e por agentes privados que vivem na região. Constituímos ainda dois eixos temáticos orientadores para as pesquisas sendo: a formação e atuação de lideranças Avá-Guarani e suas organizações, e o papel da educação escolar e da escola Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência.

Dentre os recursos financeiros disponibilizados, havia a previsão de seleção e bolsa pesquisa para dois mestrados, dois pós-doutorandos e quatro estudantes de graduação em iniciação científica. Enquanto princípio da equipe em contribuir com o protagonismo e a formação de pesquisadores indígenas, dos dois mestrados uma é pertencente ao povo Kaingang e dos quatro graduandos de iniciação científica três pertencem ao povo Guarani sendo um deles Avá-Guarani e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Buscamos por vários estados brasileiros possíveis candidatos à bolsa de pós-doutorado, mas não conseguimos identificar doutores indígenas disponíveis para esta tarefa<sup>1</sup>.

1 Importante destacar que o ingresso e a permanência de indígena na educação superior no Brasil e na América Latina enquanto uma política pública educacional é recente, sendo que a primeira política de ingresso de indígenas realizada no país ocorreu pelas Universidades Estaduais do Paraná no ano de 2002 por meio da Lei Estadual n. 13.134/2001. Para maiores informações ver: AMARAL, Wagner R. (2010). As trajetórias dos estudantes indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Acessado em 25/09/2019, em: [http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010\\_Wagner%20Roberto%20do%20Amaral.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010_Wagner%20Roberto%20do%20Amaral.pdf) e AMARAL, W. R.; FRAGA, L.; RODRIGUES, I. C.; (org). Universidade para indígenas: a experiência do Paraná. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP. Acessado em 25/09/2019, em: <http://>

Como não tivemos tempo suficiente para apresentar e discutir o projeto com as lideranças Avá-Guarani da região Oeste do Paraná (tendo em vista os reduzidos prazos para sua elaboração e submissão), tomamos como centralidade e princípio a tarefa de submetê-lo para apreciação das referências mais importantes nos *tekohas* daquela região. Portanto, no dia 20 de julho de 2017, a equipe reuniu caciques e lideranças Avá-Guarani de toda a costa oeste do Paraná na cidade de Guaíra com a intenção de apresentar e obter um parecer das lideranças acerca da proposta. Nesta ocasião, nossa equipe já estava ampliada com a presença de bolsistas de mestrado, de pós-doutorado e de iniciação científica. Fundamental nesta ocasião foi a atuação de Rodrigo Luís, estudante Avá-Guarani de Medicina na UEL, bolsista de iniciação científica no projeto e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Sua atuação como mediador e tradutor da língua Guarani contribuiu imensamente para a legitimação das ações do projeto.

A reunião da equipe do projeto com as lideranças Avá-Guarani produziu um pacto de compromisso entre os pesquisadores e os/as representantes das comunidades indígenas do Oeste do Paraná. Neste pacto, os pesquisadores apresentaram a intenção de produzir um livro didático voltado às escolas Avá-Guarani sendo esta intencionalidade debatida e revisitada a partir do pedido das lideranças indígenas de que tal livro fosse voltado não às crianças Avá-Guarani, mas às crianças e jovens não indígenas das escolas não indígenas da região, entendendo a necessidade de combater os preconceitos que sofrem cotidianamente pela população. Entendiam como fundamental a elaboração de materiais didáticos que difundam a memória de existência e resistência do povo Avá-Guarani na região.

Na ocasião deste encontro, fomos convidados a visitar os *tekoha* da região, sendo um localizado no município de Guaíra e outro no município de Terra Roxa. Foram momentos fundamentais de conexão à realidade vivenciada nos territórios indígenas na região, sendo amorosamente acolhidos e abençoados pelos *xamõi* e moradores destas comunidades de retomada. Seja iluminados pela lua e as estrelas ou no sol forte do solo arenoso dos *tekohas*, nos sentimos profundamente inspirados com tanta força e tanta luta!

Após este encontro, buscamos encaminhar os trâmites formais para iniciarmos a pesquisa sendo necessário a submissão e apreciação da proposta junto ao Comitê de Ética de Pesquisas de Seres Humanos e a autorização da Fundação Nacional do Índio. Em paralelo, realizamos seminários de formação conceitual da equipe para compreendermos melhor a realidade sociocultural, econômica e política da população Avá-Guarani na região Oeste do Paraná. No primeiro seminário realizado no mês de maio de 2017 (antes de partirmos para o encontro com as lideranças Avá-Guarani em Guaíra), contamos com a presença e participação da pesquisadora

Maria Lucia Brant de Carvalho, que socializou conosco aspectos da realidade da população Avá-Guarani na região, fundamentalmente a partir dos impactos da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Os demais seminários realizados foram mediados por artigos e resultados de pesquisas que tematizavam a realidade Avá-Guarani, já resultados das revisões bibliográficas realizadas pelos bolsistas, assim como para organização das atividades da equipe.

Com a autorização do Comitê de Ética e da FUNAI, iniciamos as atividades de pesquisa. Programamos e realizamos três missões de pesquisa sendo a primeira realizada no período de 02 a 04 de agosto de 2018 no município de São Miguel do Iguçu/Paraná; a segunda, realizada no período de 06 a 08 de setembro de 2018 no município de Diamante do Oeste; e a terceira realizada no período de 22 a 24 de novembro de 2018 em Guaíra.

Em todas as missões realizadas nos impressionava a amorosa acolhida das lideranças, *xamõi*, *chary'i* e de todas as comunidades visitadas. A partir da primeira missão realizada, fomos convidados a nos apresentar na Casa de Reza, espaço sagrado para os Avá-Guarani. A partir daquela experiência de acolhimento e de mergulho dialógico com a cosmologia Guarani, revisitamos toda a programação passando a ressignificar a organização do tempo e a nos sintonizarmos ainda mais com as dinâmicas das comunidades.

Em cada missão, nos organizamos para realizar momentos simultâneos de encontro da equipe de pesquisa para socialização das pesquisas realizadas, bem como de diálogos com professores, lideranças e pesquisadores Avá-Guarani. Em todas as missões contamos com o apoio das equipes das escolas estaduais indígenas<sup>2</sup>, sendo que as oficinas foram realizadas utilizando a estrutura desses espaços, assim como as refeições em todos os dias, compartilhada com todos os participantes indígenas e não indígenas das oficinas, aspecto que possibilitou maior aproximação com as comunidades.

Sem dúvida alguma, os momentos mais fortes para toda a equipe de pesquisa foram os vivenciados e sentidos no interior das *Opy*, das Casas de Reza, encontrando nelas – nos rituais, cantorias, nos conselhos, nas bênçãos, na amorosidade, na generosidade e no cuidado por eles compartilhado – o sentido da existência e resistência Avá-guarani.

Entre os andarilhos pelos diferentes *tekohas* do Oeste do Paraná, a pesquisa realizada contou com diversos sujeitos Ava-Guarani entrevistados, por meio da participação de jovens, adultos e velhos, homens e mulheres, *xamõi*, *chary'i*,

---

2 Ressaltamos que os membros da coordenação do projeto esteve em reunião com a equipe da Coordenação da Educação Escolar Indígena/Diretoria da Diversidade da Secretaria de Estado da Educação do Paraná com a finalidade de apresentar o projeto de pesquisa, contando nesta ocasião com o apoio e aprovação desta instituição e o respaldo para que as escolas estaduais indígenas da região oeste do Paraná acolhessem as atividades propostas.

lideranças, professores e estudantes indígenas convidados a somar conosco nesta empreitada de investigação. Contou ainda com a participação de sujeitos não indígenas como diretores das escolas estaduais indígenas e professores e pedagogos das escolas estaduais não indígenas.

As entrevistas e a literatura acessada por meio da revisão bibliográfica evidenciaram ainda diferentes formas de apresentar as categorias e expressões em Guarani, não tendo a pesquisa e esse livro nenhuma intenção de padronizá-las, pelo contrário, evidenciamos o nosso respeito às diferenças linguísticas existentes entre as parcialidades do povo Guarani compreendendo a riqueza cultural nelas presentes.

A partir desse percurso de diálogos, de interculturalidades e de profundas aprendizagens pelos pesquisadores *karaí* ou *jurua* (os não indígenas, para os Avá-Guarani), encontramos a inspiração para a organização deste livro. Mais do que o resultado da sistematização de conhecimentos científicos e acadêmicos produzidos pela equipe de pesquisa com pesquisadores convidados, esta obra se apresenta como mais um instrumento de luta para o povo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná, assim como para toda a nação Guarani espalhada pelos diferentes estados brasileiros e os cinco países do cone-sul.

Este livro apresenta quinze capítulos que versam especificamente sobre diferentes aspectos da realidade e da memória Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná. Por ser Guarani, essa população mantém seu *ñandereko* (modo de viver Guarani) através dos seus andarilhos pelo seu território ancestral, existente anteriormente aos tratados, disputas e invasões territoriais feitas pela colonização europeia ou pelos acordos político-administrativos entre os estados brasileiros e nos cinco países do Cone Sul da América. Este livro parte então do pressuposto da existência ancestral de um território Guarani de dimensões continentais contemporaneamente espalhado em 1.400 *tekohas*, explicitado pelo capítulo *“Territorialidades e resistências históricas: panorama continental e atualidades do povo Guarani”*, de autoria de Clovis Brighenti. Inicia-se, desta forma, a explicitação de uma das posições mais importantes desta obra: o povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, pertencente ao povo Guarani, já habitava esse território há cerca de dois mil anos atrás, bem antes da ocupação e fundação das cidades de Guaíra, Terra Roxa, Diamante do Oeste, Santa Helena, São Miguel do Iguçu, dentre outras. Deste modo, são populações originárias e com direitos fundamentais de ocupar seus territórios tradicionais e ancestrais.

É na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina que o povo Guarani também vivenciará sagas históricas marcadas por massacres e por resistências. Uma das sagas mais contemporâneas constituída em nome do desenvolvimento nacional foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que alagou muitos territórios

tradicionais Guarani. É nessa perspectiva que Maria Lucia Brant de Carvalho nos apresenta o capítulo *“Os Guarani da Tríplice Fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina: os direitos às terras, à mobilidade espacial por entre as fronteiras e à cidadania”*.

No terceiro capítulo denominado *“Tekoha Jevy: um breve panorama das retomadas Guarani no Oeste do Paraná”*, sendo um dos territórios tradicionais de resistência na região, Paulo Porto refletirá acerca do que denomina como diáspora Guarani provocada historicamente pelas forças colonizadoras e mais contemporaneamente pelo Parque Nacional de Iguaçu e da Itaipu Binacional, sinalizando, contudo, os processos de retomada dos territórios tradicionais (*Tekohas*) e em busca do *Tekoa Guasu*.

A partir do quarto capítulo *“Territorialidade e demarcação de terras: a dimensão simbólica do espaço para produção de alimentos na cultura Avá-Guarani”* de autoria de Luciano Mendes e Carolina Ferraz dos Santos, iniciamos as reflexões desenvolvidas a partir do trabalho de pesquisa de nossa equipe junto aos *tekohas* da região Oeste do Paraná. Tal capítulo pauta e dialoga com as práticas de produção de alimentos a partir da dimensão simbólica Avá-Guarani, tendo em vista que os autores estão vinculados a uma tradicional instituição de educação superior da área de ciências agrárias, sociais e ambientais no Brasil, problematizando e refletindo a temática indígena.

O quinto capítulo do livro reflete acerca das *“Estratégias psicossociais de resistência das lideranças Avá-guarani sob a perspectiva da Psicologia Social Latino-americana (PCSLA)”*, tendo como autoras Juliane Sachser Angnes, Maria de Fátima Quintal de Freitas e Rozeli Aparecida Menon. Essa reflexão se orienta em um dos eixos da pesquisa que centra a importância da formação e do papel da liderança Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência política e cultural.

Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira e Wagner Roberto do Amaral apresentam o sexto capítulo desta obra, *“Relatando uma experiência de pesquisa e de luta no movimento social indígena, vivenciada por uma estudante indígena na pós-graduação”*. O texto apresenta a narrativa dialógica de uma pesquisadora Kaingang bolsista do projeto (junto com seu orientador de mestrado) que inicia seu percurso como investigadora buscando analisar o papel das mulheres Avá-Guarani enquanto lideranças de seu povo. Texto de significativa alteridade entre mulheres lideranças.

Na lógica da formação de lideranças Avá-guarani, Cynthia Franceska Cardoso, Wagner Roberto do Amaral e Elisa Yoshie Ichikawa apresentam o capítulo *“Os mais velhos e a juventude Avá-Guarani: a memória como estratégia de resistência”*, identificando e analisando os encontros produzidos entre os grupos de jovens Avá-guarani e os *xamõis* dos *tekohas* da região oeste do Paraná. Problematizam o conceito de juventude e de juventude indígena, bem como a situa nos contextos de opressão vivenciados pelos jovens indígenas na região estudada.

O oitavo capítulo versará sobre *“Os conflitos para a reconquista e demarcação de territórios Avá-Guarani no Oeste do Paraná: a produção de representações sociais pela mídia”*, tendo como autores Samuel Osório Ribeiro da Silva e Elisa Yoshie Ichikawa. Refletem o conceito de representação social associada às estratégias de comunicação, analisando os conteúdos de matérias jornalísticas sobre os Avá-Guarani da região oeste do Paraná, fundamentalmente sobre a questão fundiária e o posicionamento dos veículos de mídia.

Dialogando com a área dos estudos organizacionais e com a psicologia da libertação de Martin Baró, Luis Fernando Moreira da Silva, Marcio Pascoal Cassandre e Wagner Roberto do Amaral focam o nono capítulo refletindo sobre *“As casas de reza como comunidades de prática em territórios Avá-Guarani do Oeste do Paraná”*. Sinalizam que as casas de reza das comunidades Avá-Guarani têm se configurado como uma poderosa ferramenta de articulação interna pelas lutas que essas população enfrentam atualmente.

O décimo capítulo desta obra versa sobre *“O ensino da história e da cultura Avá-Guarani pelas escolas estaduais não indígenas no município de Guaíra-PR”*. Os autores Eloá Soares Dutra Kastelic e Wagner Roberto do Amaral refletem sobre a importância da Lei n. 11.645/2008 que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os estabelecimentos de ensino do país e analisam mais diretamente as concepções e práticas de duas escolas estaduais não indígenas que possuem estudantes Avá-Guarani nelas matriculados.

O décimo primeiro capítulo *“Um Avá-Guarani com uma câmera na mão”* de autoria de Mônica Panis Kaseker, Lucas Ribeiro e Yago Junio dos Santos Queiroz apresenta a narrativa da experiência de produção do vídeo documentário junto às lideranças Avá-Guarani nos diferentes *tekohas* onde se realizou a pesquisa. O trabalho de gravação e de autoria do texto foi vivenciado em conjunto com um estudante indígena do curso de jornalismo, evidenciando inúmeras potencialidades do uso do audiovisual para e pelas comunidades indígenas, articulando sentidos de identidade e fortalecendo a interculturalidade.

Os quatro capítulos finais deste livro apresentam as narrativas dos quatro estudantes Guarani bolsistas de iniciação científica do projeto. Oséias Poty Miri Florentino apresenta *“Um relato de um indígena Guaraní Mbya: conhecendo um fragmento da realidade e do contexto de luta dos Ava-Guaraní da região Oeste do Paraná”*; Rodrigo Luís, apresenta a *“História e trajetória de um acadêmico Avá-Guarani pesquisador em busca da visibilidade para seu povo, na luta pela demarcação e a universidade como ferramenta de luta”*; Alexandro da Silva apresenta *“As experiências de formação de pesquisadores Guarani – ser acadêmico Guarani-Ñandéva e Guarani-Mbyá conhecendo o universo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná”*; e Uerique Aparecido Gabriel Matias apresenta *“Um relato de experiência: memórias*

*e resistência dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná como pesquisador Guarani Ñandéva*”. Quatro sujeitos Guarani pertencentes a três diferentes parcialidades - Guarani Mbya, Guarani-Ñandéva e Avá-Guarani – experimentando serem Guarani e, simultaneamente, serem pesquisadores do seu povo, articulados em torno da memória e das lutas das comunidades Avá-Guarani do Oeste do Paraná.

Por fim, este livro pretende se constituir em mais uma das demais referências já produzidas e as que ainda virão para fortalecer a memória de existência, re-existência e de resistência do povo Guarani! Desejamos que a leitura destes textos inspire ainda mais o nosso compromisso para com os povos indígenas do Brasil e da América Latina.

Novembro de 2019.

Wagner Roberto do Amaral  
Elisa Yoshie Ichikawa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIAS HISTÓRICAS: PANORAMA CONTINENTAL E ATUALIDADES DO POVO GUARANI	
Clovis Brighenti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2291927111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
OS GUARANI DA TRÍPLICE FRONTEIRA, BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA: OS DIREITOS ÀS TERRAS, À MOBILIDADE ESPACIAL POR ENTRE AS FRONTEIRAS E À CIDADANIA	
Maria Lucia Brant de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2291927112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>40</b>
TEKOKHA JEVY: UM BREVE PANORAMA DAS RETOMADAS GUARANI NO OESTE DO PARANÁ	
Paulo Porto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2291927113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>56</b>
TERRITORIALIDADE E DEMARCAÇÃO DE TERRAS: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA CULTURA AVÁ-GUARANI	
Luciano Mendes Carolina Ferraz dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2291927114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>70</b>
ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL LATINO-AMERICANA (PCSLA)	
Juliane Sachser Angnes Maria de Fátima Quintal de Freitas Rozeli Aparecida Menon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2291927115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>84</b>
RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E DE LUTA NO MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA, VIVENCIADA POR UMA ESTUDANTE INDÍGENA NA PÓS-GRADUAÇÃO	
Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira Wagner Roberto do Amaral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2291927116</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>103</b>
OS MAIS VELHOS E A JUVENTUDE AVÁ-GUARANI: A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA	
Cynthia Franceska Cardoso	

Wagner Roberto do Amaral

Elisa Yoshie Ichikawa

**DOI 10.22533/at.ed.2291927117**

**CAPÍTULO 8 ..... 117**

OS CONFLITOS PARA A RECONQUISTA E DEMARCAÇÃO DE TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI NO OESTE DO PARANÁ: A PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PELA MÍDIA

Samuel Osório Ribeiro da Silva

Elisa Yoshie Ichikawa

**DOI 10.22533/at.ed.2291927118**

**CAPÍTULO 9 ..... 128**

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AVÁ-GUARANI PELAS ESCOLAS ESTADUAIS NÃO INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE GUAÍRA-PR

Eloá Soares Dutra Kastelic

Wagner Roberto do Amaral

**DOI 10.22533/at.ed.2291927119**

**CAPÍTULO 10 ..... 144**

AS CASAS DE REZA COMO COMUNIDADES DE PRÁTICA EM TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ

Luis Fernando Moreira da Silva

Marcio Pascoal Cassandre

Wagner Roberto do Amaral

**DOI 10.22533/at.ed.22919271110**

**CAPÍTULO 11 ..... 158**

UM AVÁ-GUARANI COM UMA CÂMERA NA MÃO

Mônica Panis Kaseker

Lucas Ribeiro

Yago Junio dos Santos Queiroz

**DOI 10.22533/at.ed.22919271111**

**CAPÍTULO 12 ..... 171**

UM RELATO DE UM INDÍGENA GUARANÍ *MBYA*: CONHECENDO UM FRAGMENTO DA REALIDADE E DO CONTEXTO DE LUTA DOS AVA-GUARANÍ DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Oséias Poty Miri Florentino

**DOI 10.22533/at.ed.22919271112**

**CAPÍTULO 13 ..... 177**

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM ACADÊMICO AVÁ-GUARANI PESQUISADOR EM BUSCA DA VISIBILIDADE PARA SEU POVO, NA LUTA PELA DEMARCAÇÃO E A UNIVERSIDADE COMO FERRAMENTA DE LUTA

Rodrigo Luís

**DOI 10.22533/at.ed.22919271113**

<b>CAPÍTULO 14 .....</b>	<b>185</b>
AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES GUARANI – SER ACADÊMICO GUARANI-ÑANDÉVA E GUARANI-MBYÁ CONHECENDO O UNIVERSO AVÁ-GUARANI DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	
<a href="#">Alexandro da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.22919271114</b>	
<b>CAPÍTULO 15 .....</b>	<b>189</b>
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA DOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ COMO PESQUISADOR GUARANI ÑANDÉVA	
<a href="#">Uerique Aparecido Gabriel Matias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.22919271115</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES.....</b>	<b>192</b>

## AS CASAS DE REZA COMO COMUNIDADES DE PRÁTICA EM TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ

*Data de aceite: 19/11/2019*

### **Luis Fernando Moreira da Silva**

Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Foi bolsista de mestrado pela CAPES no projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

### **Marcio Pascoal Cassandre**

Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Doutor em Administração pela Universidade Positivo (UP) com período sanduíche pela University of Helsinki no Center for Research on Activity, Development and Learning (CRADLE). Realizou estágio pós-doutoral na Danish School of Education da Aarhus University (Copenhagen), Programa “Learning, Innovation and Sustainability in Organisations” (LISO). Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

### **Wagner Roberto do Amaral**

Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado

em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacional Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

## INTRODUÇÃO

As organizações são parte fundamental da vida em sociedade. Nascer, crescer, morrer e outros tantos aspectos cotidianos de um ser humano são permeados pelo menos por uma organização. De acordo com Schein (1982), o indivíduo é incapaz de satisfazer suas necessidades e desejos individualmente; é preciso que as atividades que envolvam a satisfação das necessidades e/ou desejos dos sujeitos sejam coordenadas por diversas pessoas para que se realizem. Criar e manter organizações constitui pré-requisito para que

um grupo seja capaz de atingir um objetivo em comum (SCHEIN, 1982).

No campo dos Estudos Organizacionais, denominam-se organizações formais aquelas consideradas associações orientadas por objetivos determinados, racionalidade no estabelecimento de ações, utilitarismo como unidade de cálculo entre meios e fins com o objetivo de atender a um grupo ou coletividade humana (BOEHS, 2018).

Dentre as diversas organizações formais presentes em uma sociedade, uma desempenha papel central, a escola. Segundo Tragtenberg (2018), em uma sociedade culturalmente ocidentalizada a estrutura burocrática torna-se princípio fundamental para a organização das instituições, sejam elas públicas ou privadas.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996 e as legislações específicas dispõem sobre diversas modalidades de ensino, dentre as quais a educação de jovens e adultos, as escolas do campo, a educação escolar indígena, entre outras.

A escola indígena deve, amparada pela legislação própria, ser específica, diferenciada, intercultural, bilíngue, comunitária e etnoterritorializada. Ela tem o objetivo de prover a manutenção das memórias das diversas populações indígenas, ao mesmo tempo em que preparam os estudantes indígenas para o convívio com outras sociedades. Segundo Rosa (2011, p. 1424), “a escola pode ser o lugar de revitalização e fortalecimento de aspectos culturais Guarani, estabelecendo diálogo com a comunidade na qual está inserida”. Por isso, Melià (1989) explica que as escolas indígenas são um produto híbrido do contato entre populações tradicionais e colonizadores.

Segundo Rosa (2011), o termo “escola indígena” é analisado por Melià (1979) como uma construção feita a partir da junção de duas palavras, a “escola” e o “indígena” em uma espécie de jogo linguístico cujo objetivo é evidenciar que ambos (a escola e o indígena) estão forçados a conviverem dentro de uma mesma realidade, a realidade do contato étnico em que de um lado se encontram as populações indígenas e seus modos de viver e, de outro, diversos povos colonizadores, que também carregavam suas especificidades.

Este capítulo é fruto do trabalho de coleta de dados realizado em terras indígenas do Oeste do Paraná por meio de observação não participante e busca entender as Casas de Reza como comunidades de prática em terras Avá-Guarani. Foram visitadas dezoito terras indígenas Avá-Guarani do Oeste do Paraná, no entanto, não foi possível observar a dinâmica na Casa de Reza em todas, incorrendo na necessidade de escolher algumas terras. As incursões se realizaram em três datas diferentes a partir de uma divisão da região oeste em três microrregiões, como pode ser observado na Figura 1.

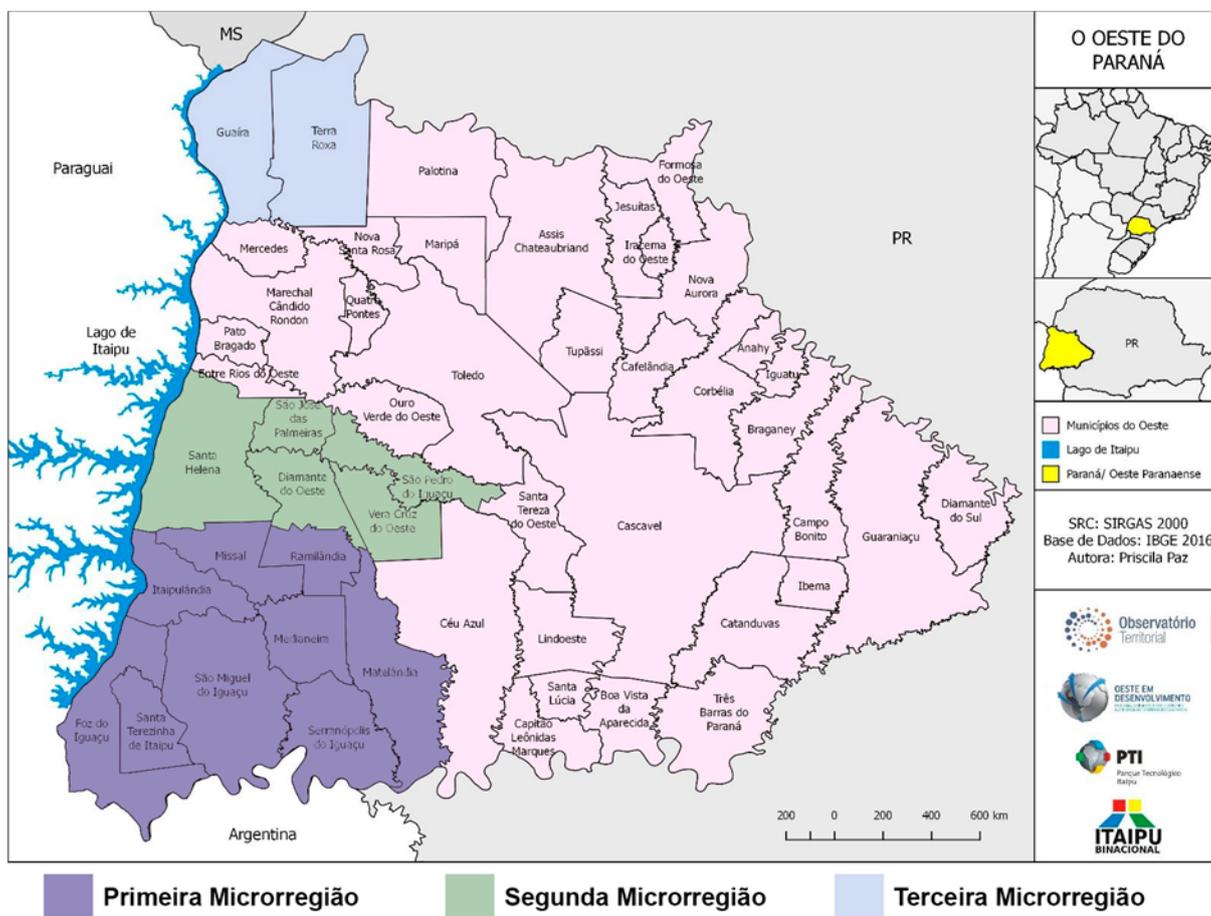


Figura 1: Mapa onde ocorreu a coleta de dados no Oeste do Paraná

Fonte: Observatório Territorial (2018), modificado pelos autores

A pesquisa da dissertação de mestrado que contribuiu para a escrita deste capítulo teve como objetivo refletir sobre a educação escolar praticada nas terras pertencentes à região mencionada. Pode-se observar que a escola indígena é um construto histórico não indígena imposto ao longo do processo colonizador ao mesmo tempo em que carrega consigo as características étnicas, históricas e cosmológicas de cada povo. Os Avá-Guarani, etnia predominante na região Oeste do Paraná, consistem em uma parcialidade do povo Guarani.

Há outro ambiente nas terras indígenas Guarani que cumpre papel educacional importante, a Casa de Reza. Nesse local, ocorrem as cerimônias religiosas, e é ali que tradicionalmente os mais jovens aprendem com os mais velhos. Dentre as várias características que compõe uma Casa de Reza, pode-se destacar a importância da oralidade e do *xamõĩ* (o ancião).

A Casa de Reza, bem como o território Guarani, denominado *tekoha*, fogem ao conceito de organização formal inicialmente apresentado. Pode-se dizer que elas se afastam do modelo burocrático, principalmente quanto ao uso da racionalidade

instrumental para alimentar seus processos decisórios, de acordo com a teoria de ação social weberiana (WEBER, 2009). Para Weber, a sociologia deveria debruçar-se sobre o estudo da ação social, ou seja, a ação de grupos com base nos significados e nos objetivos compartilhados por seus membros (MORAES; MAESTRO FILHO; DIAS, 2003).

Em terras indígenas e nas casas de reza encontra-se um outro tipo de tomada de decisão, embasada no que Weber (2009) denomina de racionalidade substantiva, que compreende a ação tomada pelo princípio ético, estético ou religioso. Há um componente emotivo que se apresenta, tradições ancestrais ou atitudes arraigadas.

A Administração utiliza as comunidades de prática a fim de que os objetivos das organizações sejam alcançados. Esses objetivos organizacionais geralmente incorrem na ampliação da produtividade, diminuição de erros e ampliação do lucro, no entanto, os sujeitos em organizações como as terras indígenas encontram realidades, desejos e necessidades diferentes das organizações mercadologicamente construídas.

Por meio das ideias de Martín Baró (1989) que fazem parte da Psicologia da Libertação, é possível refletir sobre uma possível ampliação no conceito de comunidades de prática para que elas sejam compreendidas não apenas como proponentes de resultados, mas como formadores/catalizadores nas lutas por direitos. A Psicologia da Libertação proposta por Martín Baró busca fornecer apoio às maiorias populares nas lutas por mudanças sociais principalmente contra a desigualdade, a pobreza e a violência (LACERDA JÚNIOR, 2017).

Portanto, neste capítulo se pretende discutir as Casas de Reza Avá-Guarani como comunidades de prática inserida em uma organização informal.

Este capítulo está organizado em cinco partes para além dessa Introdução, a primeira discorre sobre aspectos cosmológicos do povo Guarani, em seguida apresentam-se os conceitos fundamentais sobre comunidades de prática, posteriormente há a reflexão sobre a Casa de Reza como comunidade de prática para, em seguida, aproximar a comunidade de prática com os conceitos da Psicologia da Libertação. Por fim, as considerações encerram a última parte deste capítulo.

## **ASPECTOS COSMOLÓGICOS DOS AVÁ-GUARANI**

Os Guarani têm vivido por diversos territórios da América do Sul, em especial a parcialidade Avá-Guarani, com grande concentração na região da Tríplice Fronteira, com datação arqueológica mais antiga de cerca de 80 d.C. (BORGES, 2011), como pode ser visto na Figura 2. Segundo Carvalho (2013), esses indígenas ocupam tradicionalmente as bacias dos Rios Paraguai, Paraná, Uruguai e seus afluentes, ou seja, a grande Bacia do Prata. Antes de 1500, época marcada pelas grandes

navegações espanholas e portuguesas, os Guarani já formavam um conjunto de povos com a mesma origem e idioma, além disso, mantinham uma estrutura histórica e social focada na memória dos anciãos.

Melià (1981) ao pesquisar os escritos coloniais, que descreveram os Guarani no século XIV, XV e XVI, alega ser possível compreender a existência um modo de ser (*ñandereko*), uma espécie de tradição que os mais velhos passavam para os mais novos como sendo o modo correto de ser, de pertencer à comunidade Guarani.

O *ñandereko* pode ser traduzida para a língua portuguesa como “nosso modo de ser”, porém esse termo não se restringe ao seu significado literal. Outro termo importante quando se reporta à forma de ser dos Guarani é *teko* que significa “ser, estado de vida, condição, hábito” (MELIÀ, 1981).

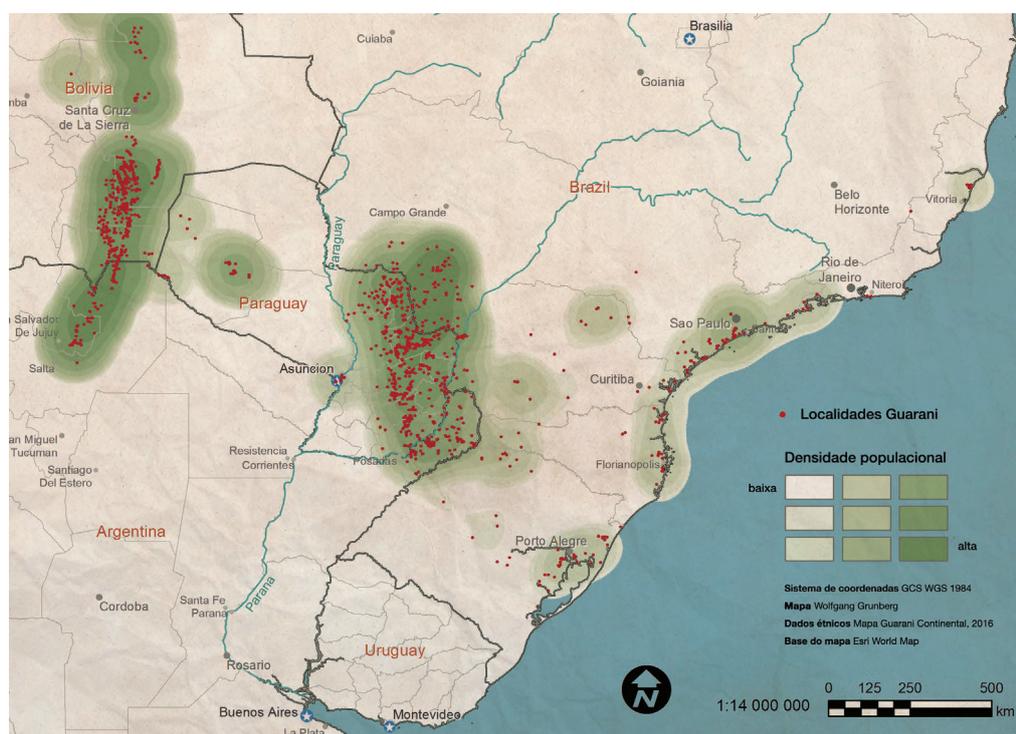


Figura 2: Mapa Continental Guarani

Fonte: Instituto Socioambiental Continental, 2016

Ser (*teko*) membro da etnia Guarani exige um modo de ser (*ñandereko*), uma ética própria distintiva. No contato entre Guarani e jesuítas, quando se examinam os relatos, é possível perceber que, mesmo nas primeiras décadas de contato, havia um desejo de manter-se indígena, ou seja, manter o *ñandereko* tradicional ao invés de aceitar o *teko pyahu* (pode ser traduzido como “novo modo de ser ou novo sistema”) trazido pelos jesuítas (MELIÀ, 1981).

Outra questão importante quanto à definição de ser dos Guarani é sua intensa relação com o território (*tekoha*). Pode-se perceber que a palavra definidora do termo “território” é derivada do termo “ser”, sendo assim, a constituição do sentimento de pertencer a esse grupo tem profunda ligação com seu território histórico, que é

visto como sagrado. Essa ligação entre ser Guarani e a manutenção do território se mantém até hoje (MELIÀ, 1981).

As populações Guarani entendem que o plantio da terra deve ser feito de um modo específico; isso determina a formação de núcleos familiares menores e a necessidade de migrar. Não se pode dizer que essa etnia não possui território. Na verdade, a dinâmica de migração ocorria justamente para manter saudável esse território, para não se esgotarem os recursos e para que as famílias pudessem viver bem (MELIÀ, 1981).

Um ponto importante para compreender a forma de viver Guarani reside na importância da fala e no conteúdo das palavras. Essa relação é sagrada, portanto, tem expressão religiosa para eles. Melià (1989) explica que, para os Guarani, tudo é palavra; a palavra explica a vida e a vida está na palavra. Quando um Guarani nasce é uma palavra que vive, que se põe de pé, o *ava ñe'ë* (*ava*: homem, pessoa Guarani; *ñe'ë*: palavra que se confunde com alma) ou fala, linguagem, que define identidade na comunicação verbal (ALMEIDA; MURA, 2003).

A palavra em seu aspecto sagrado denomina *nhembo'e*, significa algo como aprendizado, aprender com o ritual. Esse aprendizado se dá no dia a dia, contudo, há um local específico em que o Guarani aprende por meio de histórias, danças, cerimônias e orações. É na *Opy* (Casa de Reza) onde a palavra sagrada é proferida e repassada aos mais jovens (MELIÀ, 1989). Ao visitar as terras Avá-Guarani do Oeste do Paraná foi possível contatar que a escola indígena e a Casa de Reza estão intimamente ligadas no que diz respeito ao processo educativo dos mais jovens.

Para os Guarani, a terra possui uma condição de instabilidade. Há uma preocupação com a destruição, como se ela estivesse sempre próxima, exigindo cuidado por parte daqueles que vivem nela, para que o fim da vida não aconteça. Na crença Guarani, o mundo está colocado sobre um ponto de apoio, portanto, ele pode se desequilibrar e cair. Durante as cerimônias religiosas, evoca-se o dever por meio do *ñimbo'e* (palavra sagrada, canto sagrado) de assegurar que o firmamento do mundo se mantenha firme (MELIÀ, 1990).

Por isso a preocupação em mudar-se, em migrar para outras terras. O uso excessivo do solo, do roçado e da mata pode desequilibrar o eixo do mundo. Nesse sentido, o modo de ser dos Guarani é necessário do ponto de vista religioso, porque sua existência e continuidade nesse mundo depende dele. Por isso, o desejo de manter a cultura, a história e o costume dos antepassados. Perder o costume significa deixar de existir.

A religião tem papel fundamental na visão de mundo dos Guarani, até mesmo quando se pensa nos processos de migração. Há um conceito central na crença Guarani denominado “a terra sem mal”. Dessa ideia surge toda a cosmovisão desse povo. Melià (1990) sugere que a busca pela terra sem mal tem sua origem

em períodos históricos em que a dificuldade de plantar, bem como calamidades climáticas assolaram os Guarani. Fato é que a terra sem mal tornou-se não apenas uma busca pelo recurso, mas uma busca religiosa, sagrada.

A condução dos Guarani até a terra sem mal é uma tarefa encarregada aos *xamãs*, que devem reproduzir rituais religiosos, regras de vida que conduzam esses sujeitos ao encontro desse lugar mítico, em que a abundância jamais falta e a terra pode se confundir com o paraíso (CLASTRES, 1978).

Os ritos religiosos dos Guarani têm caráter coletivo, são desenvolvidos pelo *xamã* em comunhão com a comunidade pertencente ao *tekoha*. É uma crença presente a de que os ritos e rezas só terão efeito se forem feitas em comunhão de crenças por toda a comunidade. Portanto, a Casa de Reza tem função fundamental na formação dos jovens, na reafirmação da tradição e no ensino dos costumes.

Os núcleos familiares Guarani são organizados por meio do que se chama “família extensa”, ou seja, grupos macrofamiliares que ocupam espacialmente o *tekoha*, ligados por laços de afinidade e consanguinidade. Para Almeida e Mura (2003), esses grupos são liderados pelos mais velhos, conhecidos na língua Guarani como *xamõi* (avô) ou *chary’i* (avó).

Portanto, pode-se considerar que viver em coletividade é algo significativo aos Guarani, visto que sua organização política e territorial é historicamente construída por meio dos laços familiares. As populações Guarani apresentam, em sua interpretação do mundo, referências religiosas muito fortes. Sua interpretação de como o universo fora criado, bem como as explicações de como ter um bem viver, que remetem à existência e à manutenção do povo.

A parte três deste capítulo se destina a apresentar o conceito de comunidades de práticas, para em seguida caracterizar as Casas de Reza como comunidades de práticas.

## COMUNIDADES DE PRÁTICA

Segundo Cabelleira (2007, p.3) “As comunidades de prática surgem entre a formalidade das metas e a informalidade das alianças e da espontaneidade das relações informais”. Nesses ambientes, os sujeitos aprendem em grupos de aprendizagem por meio da participação social, na relação com os outros membros de uma organização (WENGER, 2002). Propõe-se pensar que as comunidades de prática não estão restritas ao ambiente organizacional, muito embora assim se retrate no campo da Administração. Conforme Wenger (2002) todos pertencem a alguma comunidade de prática, em casa, no trabalho, na escola, quando frequentam um clube ou na vivência de um *hobbie*, no entanto, nem todo o grupo pode ser entendido como uma comunidade.

A aprendizagem no contexto das comunidades de prática se dá em nível grupal dentro das organizações. A literatura em Administração trata da aprendizagem de adultos, ou seja, no contexto do trabalho desenvolvido pelos seres humanos. Grupos de trabalho incluem equipes formais, no entanto, o foco dessa perspectiva para aprendizagem volta-se às comunidades de trabalho informais pertencentes às organizações (WENGER, 2002).

Para se reconhecer uma comunidade de prática, Wenger (2002), assinala ser preciso que se verifique as quatro características a seguir:

- 1) significado: uma maneira de tratar sobre a capacidade dos indivíduos - no plano individual e coletivo – experimentação da vida e do mundo de modo significativo;
- 2) prática: uma maneira de tratar acerca dos recursos históricos e sociais, quadros de referência e perspectivas compartilhadas que possam sustentar o compromisso mútuo em ação;
- 3) comunidade: uma maneira de tratar sobre configurações sociais nas quais a meta da organização é definida como valiosa e a participação é reconhecida como cooperação;
- 4) identidade: uma maneira de tratar sobre a mudança que a aprendizagem produz, o que os indivíduos são e como a aprendizagem cria histórias pessoais de transformação no contexto dessas capacidades.

A prática, conceito fundamental para o entendimento da aprendizagem no contexto de uma comunidade social inclui tanto aspectos explícitos, quanto implícitos, a língua, instrumentos, documentos, imagens, símbolos, os papéis definidos, os critérios especificados, os procedimentos, regulamentos e contratos codificados, as regras não escritas, as intuições reconhecíveis, as percepções específicas, as sensibilidades refinadas, as compreensões incorporadas e as noções compartilhadas da realidade são sinais inconfundíveis de afiliação a uma comunidade de prática (WENGER, 2002).

Nessa direção, estar em uma comunidade de prática não significa mera filiação, há um senso de pertencimento, de coletividade. O entendimento da realidade do grupo passa a ser compartilhado e a subjetividade deixa de ter lugar na individualidade para fazer sentido no coletivo, pertencer a uma comunidade de prática gera mudanças nos indivíduos (CABELLEIRA, 2007).

Por meio do que foi apresentado nesta parte, buscou-se encontrar características que aproximassem o modo como a Casa de Reza está inserida nas comunidades Avá-Guarani do conceito de comunidades de prática, já que esse é o espaço tradicional do aprendizado do povo Guarani. Em seguida, apresenta-se os aspectos que possibilitam essa caracterização.

## AS CASAS DE REZA COMO COMUNIDADES DE PRÁTICA

Em consonância com Fogaça e Halu (2017), as comunidades de prática devem ser entendidas como um grupo intermediário, ou seja, não podem se limitar a uma atividade ou relação específica entre pessoas, no entanto também não abrange toda a organização. Isso ocorre já que em uma relação específica não se pode verificar os desdobramentos dessas ações e as organizações, em um contexto amplo, apresentariam diversas comunidades. Por isso, a Casa de Reza pode ser definida como uma comunidade de prática, uma vez que ela se insere com relevância significativa na vida das comunidades Avá-Guarani, comutando significados e relações entre diversos sujeitos.

A Casa de Reza, bem como o território Guarani, denominado *tekoha*, não vai ao encontro do conceito de organização formal inicialmente apresentado. No entanto, busca-se caracterizá-la como uma comunidade de prática com o objetivo de ensinar a cultura ancestral de um povo, o ñandereko e fornecer aos mais jovens o conhecimento necessário para se continue a luta pela retomada das terras e pela sobrevivência.

Por isso, a partir dos conceitos inicialmente apresentados por Wenger (2002) e em comparação com as observações realizadas durante a pesquisa de campo, por meio da confecção de um diário de campo com as principais impressões em relação ao papel da Casa de Reza nas terras indígenas do Oeste do Paraná propõe-se a construção de uma comunidade de prática:

- 1) Significado: para os Avá-Guarani existir é algo sagrado, como uma palavra que se materializou e que vive, por isso a aprendizagem ocorre pela oralidade, de modo coletivo em que os mais velhos ensinam aos mais novos a história, os mitos, a medicina e o cultivo da terra. A Casa de Reza simboliza, ao mesmo tempo o sagrado, o local de aprendizagem e um local de resistência.
- 2) Prática: danças, rituais, símbolos religiosos, instrumentos musicais, utensílios sagrados, o idioma e a fala aos mais novos.
- 3) Comunidade: os membros de uma determinada terra indígena; centralidade do *xamõi* durante as cerimônias, representando o papel de um professor espiritual; elo entre os mais jovens e os mais velhos.
- 4) Identidade: ñandereko (nosso modo de ser) dos Avá-Guarani.

Salienta-se que o lucro não é um objetivo nesse caso, sim a subsistência. Compreende-se que os Avá-Guarani vivem com muito pouco do ponto de vista econômico. Há um estado de privação que assola as diversas terras indígenas pertencentes aos Avá-Guarani no Oeste do Paraná. As terras disponíveis são poucas, a maioria não demarcada.

Por isso, pensar as comunidades de prática para além de seu aspecto utilitarista comumente observado nas organizações é necessário, já que elas podem servir como ferramental para organizações que tem objetivos diversos, para além dos mercadológicos, como é o caso das Casas de Reza. Para isso, sugere-se a aproximação entre comunidade de prática e a Psicologia da Libertação.

### **Aproximações entre as comunidades de prática e a Psicologia da Libertação**

É preciso refletir sobre a aproximação entre a Psicologia da Libertação e as comunidades de prática existente em organizações conhecidas como informais. As organizações possuem seus espaços de socialização e de aprendizagem, no entanto, organizações como as terras indígenas do Oeste do Paraná então inseridas em realidades e necessidades diferentes das organizações mercadologicamente construídas, sendo assim, pensar as comunidades de prática para além da lógica mercadológica é possível. Os Avá-Guarani objetivam a sobrevivência, a retomada de seus territórios e a manutenção de sua cultura, por isso se propõe a aproximação do conceito de comunidades de práticas com as ideias da Psicologia da Libertação, movimento da Psicologia Social Comunitária Latino Americana – PSCLA.

Na América Latina, a PSCLA se desenvolveu com foco nas comunidades e no modo como elas poderiam desenvolver o protagonismo necessário para solucionar problemas estruturais presentes em países desse subcontinente, como a pobreza, a fome e a violência. A PSCLA, é entendida como “[...] uma estratégia metodológica particular baseada na investigação-ação, orientada para a mudança social e a conscientização” (MONTERO, 1984, p.390).

A principal característica da PSCLA e dos movimentos que dela surgiram é o encorajamento que os profissionais de psicologia passaram a receber, engajando-se na busca de soluções para diversos problemas sociais, tornando-se agentes de mudança das condições de opressão sofridas por grupos, já que esses profissionais deveriam auxiliar esses grupos a buscarem o seu fortalecimento social, econômico e psicológico (PRADO, 2002).

A PSCLA tem como proposta deslocar o eixo de poder para que comunidades sejam protagonistas e responsáveis pela resolução de conflitos sociais, tornando-se um coletivo de agentes que escrevem o que está por vir (MONTERO, 1984). A PSCLA é entendida como um movimento de diversos grupos. Dentre esses diversos grupos, um é encabeçado por Martín-Baró e influenciado por autores de outros campos científicos, como da Educação (Paulo Freire), da Teologia da Libertação (Leonardo Boff) e das Ciências Sociais (Marx e Engels e seus posteriores discípulos) denominado como Psicologia da Libertação (MONTERO, 2004).

Martín Baró (1998) entende que a Psicologia da Libertação objetiva a

transformação da realidade dos grupos, um coletivo de indivíduos que constituem uma unidade de pluralidade. Para alcançar essa finalidade, Martín-Baró (1998) propõe três tarefas: a) a recuperação da memória histórica; b) a desideologização da experiência cotidiana; c) o fortalecimento das instâncias populares.

A importância teórica da recuperação da memória histórica se dá pelo fato de as populações em estado de opressão viverem em um permanente “presente psicológico”, segundo Martín-Baró (1998, p. 301). Esse presente psicológico se dá devido à luta por sobrevivência constante das populações em estado de opressão, que vivenciam hoje desconectado do passado e do futuro. Os discursos dominantes produzem realidade aparentemente naturais e ahistóricas que levam a uma postura de aceitação do presente sem questionamentos.

Recuperar a terra é uma forma de existir, do ponto de vista físico, já que é preciso que os Avá-Guarani plantem e colham, no entanto, também é uma forma espiritual de existência, religando um povo com a ancestralidade de sua história dando-lhes possibilidades maiores e menos violentas de contarem sua história. A luta pela demarcação carrega consigo as histórias dos antigos, os modos de plantar, colher e viver. Por isso, a luta pelo território pode ser associada com a retomada da memória e do modo de ser dos Avá-Guarani.

A desideologização é outro ponto importante. Os Avá-Guarani em realidade de contato com os povos não indígenas, como é o caso no Oeste do Paraná, encontram-se em um estado de ressignificação. Por exemplo, a escola indígena foi um modelo importado do universo não indígena. No entanto, professores, diretores e educadores indígenas tentam produzir uma instituição que os represente. Desideologizar significa que os sujeitos, nesse caso os Avá-Guarani, modifiquem os conceitos impostos que não fazem sentido para a realidade dessas comunidades.

Por fim, o fortalecimento das instâncias populares consiste no reconhecimento por parte da comunidade das virtudes que são parte dela. A modo de vida Avá-Guarani, a Casa de Reza, a arte milenar, a música, o idioma, são traços virtuosos dessas comunidades. Reafirmá-los significa demarcar o quão importantes e preciosos eles são para a manutenção de uma forma de ser.

Por isso indica-se a Psicologia da Libertação pode ser um ferramental teórico que quando aproximado às comunidades de prática pode auxiliar a busca pela retomada e a afirmação de direitos historicamente negados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo deve ser entendido como um movimento de investigação sobre temáticas presentes no campo da Administração, muitas vezes focada em organizações formais, esquecendo-se de que existe uma infinidade de movimentos

organizativos que em muito se distanciam desse modelo.

As comunidades de prática neste trabalho são tratadas de modo ampliado, geralmente, quando se busca sobre elas na literatura exprime que elas são fruto de comunidades informais dentro de organizações formais. No entanto, aqui se propõe que elas sejam entendidas em organizações que não se enquadram perfeitamente nessa definição.

Terras indígenas, coletivos organizados, sociedades familiares ligadas à terra, são espécies de organizações, ainda assim, não teriam como abrigar em alguma medida comunidades de prática? Este capítulo sugere que a existências de comunidades em meio a essas realidades é possível, além disso sugestiona a aproximação entre comunidades de prática e os conceitos da PSCLA com o objetivo de entender que essas comunidades podem potencializar a luta por direitos de populações em estado de opressão, como é o caso das populações Avá-Guarani.

Para isso, utilizou-se a Psicologia da Libertação de Martin Baró (1998) por meio de três tarefas: a) a recuperação da memória histórica; b) a desideologização da experiência cotidiana; c) o fortalecimento das instâncias populares. Essas tarefas podem ser pensadas e operacionalizadas pela própria comunidade de prática.

Organizações nada mais são, como visto anteriormente, um coletivo de indivíduos organizados para o atingimento de determinados fins específicos. A Psicologia da Libertação pode fornecer aos indivíduos dessas organizações um novo ponto de vista teórico capaz de mobilizar novas ferramentas para a busca de atender aos objetivos específicos de cada comunidade. É preciso romper a ideia de que a Administração esteja intrinsecamente ligada ao ganho do lucro de modo utilitarista. Entende-se aqui, por meio desta pesquisa que a luta pela vida se configura como um objetivo.

Por fim, resta salientar que as Casas de Reza das comunidades Avá-Guarani têm se configurado como uma poderosa ferramenta de articulação interna pelas lutas que essas população enfrentam atualmente. Há uma relação entre os aspectos religiosos, cosmológicos e políticos em que os mais velhos transmitem o conhecimento aos mais novos ao mesmo tempo em que esses mais novos se organizam e definem formas de enfrentar os ataques dos não indígenas e a falta de determinação do poder público na busca pela resolução dos conflitos e da garantia de direitos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D., MURA, F. **Guarani Kaiowa e Nandeva**. *Enciclopedia: Povos Indígenas no Brasil*, 2003.

BOEHS, C. G. E. Para além dos limites da organização formal como objeto: a discussão de

referências renegadas. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 5, n. 13, p. 592-637, 2018.

BORGES, P. H. P. Terra e memória: os territórios Guarani no Oeste do Paraná. **Perspectiva Geográfica**, 6, 2011.

CABELLEIRA, D. M. Comunidades de prática: conceitos e reflexões para uma estratégia de gestão do conhecimento. **Encontro da ENANPAD**, v. 31, 2007.

CARVALHO, M. L. B. D. **Das terras dos índios a índios sem terras. O Estado e os Guarani do Oco'y: violência, silêncio e luta**. Tese, Universidade de São Paulo, 2013.

CLASTRES, H. **Terra sem mal: o profetismo tupi-Guarani**. São Paulo: Brasiliense, 11, 1978.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Mapa Guarani Continental**, São Paulo, disponível em <<https://www.socioambiental.org/pt-br/mapas/mapa-Guarani-continental-2016>> consultado em 20 de abril de 2019

FOGAÇA, F. C.; HALU, R. C. Comunidades de prática e construção identitária de formadores de professores em um programa de formação continuada. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 17, n. 3, 2017.

LACERDA JÚNIOR, F. Prefácio In: Martin-Baró, I. **Crítica e Libertação na Psicologia**. Petrópolis: Vozes. p. 2-19, 2017.

MARTIN-BARÓ, I. **Sistema, grupo e poder**. Psicología social desde Centro américa II. San Salvador: UCA Ed, 1989.

\_\_\_\_\_. **Psicología de la liberación**. Madri, Editorial , 1998.

MELIÀ, B. **Educação indígena e alfabetização**. Edições Loyola. São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_. Desafios e tendências na alfabetização em língua indígena. In: OPAN: **Operacao Anchieta. A conquista da escrita**. São Paulo: Iluminuras, 1989.

\_\_\_\_\_. A terra sem mal dos Guarani. **Revista de Antropologia**, v.33, 1990.

\_\_\_\_\_. El “modo de ser” guaraní en la primera documentación jesuítica (1594-1639). **Revista de Antropologia**, 1-24, 1981.

MONTERO, M. La psicología comunitaria: orígenes, principios y fundamentos teóricos. **Revista Latinoamericana de Psicología**, vol. 16, núm. 3, pp. 387-400, 1984.

\_\_\_\_\_. Relaciones entre psicología social comunitaria, psicología crítica y psicología de la liberación: una respuesta latinoamericana. **Psykhe** (Santiago), 13(2), 17-28, 2004.

MORAES, L. F. R.; MAESTRO FILHO, A. D.; DIAS, D. V. O paradigma weberiano da ação social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a criação de tipos ideais e suas aplicações na teoria organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. 2, p. 57-71, 2003.

OBSERVATÓRIO TERRITORIAL (Foz do Iguaçu). **O oeste do Paraná**. Foz do Iguaçu, 2018.

PRADO, M. A. Psicologia Comunitária nas Américas: o Individualismo, o Comunitarismo e a Exclusão do Político. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 201-210, 2002.

ROSA, H. A. Memórias e oralidade compondo a escola na aldeia Guarani. **I Seminário Internacional**

**História do Tempo Presente**, Florianópolis. p. 1422 – 1436, 2011.

SCHEIN, Edgar H. **Psicología de la Organización**. Prentice-Hall International, 1982.

TRAGTENBERG, M. A escola como organização complexa. **Educação & Sociedade**, v. 39, n. 142, 2018.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva (4a ed.). Brasília: UnB, 2009.

WENGER, E. Aprendizaje. In: WENGER, E. **Comunidades de Práctica: aprendizaje, significado e identidad**, Paidós, Barcelona, 2002. (p.115-133).

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

**Elisa Yoshie Ichikawa** - Mestre em Administração e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”, que teve o apoio financeiro da CAPES por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais

**Wagner Roberto do Amaral** - Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacional Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-822-9



9 788572 478229